

Cuzco: a dessacralização da cidade imperial dos incas no romance de José María Arguedas

JACQUELINE DE CASSIA PINHEIRO LIMA*

VERA LÚCIA TEIXEIRA KAUSS**

Resumo: Esse texto tem seu embasamento nas leituras e pesquisas que tiveram início em Cursos de Mestrado e Doutorado, culminando nas pesquisas hoje em um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar. Desde então, as leituras sobre a construção de uma América Latina mestiça e extremamente rica, mesmo empobrecida por diversos fatores de exploração que tiveram início com a chegada dos europeus ao continente, continuam a fazer parte dos estudos, projetos, aulas que estão sendo desenvolvidos. *Os Rios profundos*, o romance de José María Arguedas (1911-1969) que teve a primeira edição em 1958, começa nos apresentando Cuzco, a capital do império incaico, cidade considerada sagrada pelos indígenas. Sua fundação, em que se confundem a história concreta e a formação social do povo inca com o imaginário e o simbólico do homem andino, nos remete ao mito de origem desse povo em suas várias maneiras de ser apresentado. Com o processo colonizador implantado pelos espanhóis, acontece a construção de Lima, que passa a ser a capital do Peru. Para os descendentes do incanato essa mudança é aceita como uma divisão: Cuzco continuou a ser considerada a capital do império para eles. O presente artigo pretende apresentar a maneira pessoal de José María Arguedas olhar para a cidade sagrada dos incas em seus textos, sendo que, nesse artigo, a abordagem será feita a partir do romance *Los ríos profundos*, apenas.

Palavras-chave: Arguedas; Cuzco; Imaginário.

Abstract: This text has its basis in the readings and research which began in masters and PhD courses, culminating in the polls today in an Interdisciplinary Graduate program. Since then, the readings about building a mestizo Latin America and extremely rich, even impoverished by several factors of exploitation which began with the arrival of Europeans to the continent, continue to be a part of the studies, projects, lessons that are being developed. *The Rios Profundos*, the novel by José María Arguedas (1911-1969) who had the first edition in 1958, starts in showing the capital of Cuzco, Inca Empire, city considered sacred by indigenous people. His Foundation, which confuse the concrete history and the social formation of the inca people with the imaginary and the symbolic of the Andean man, brings us back to the myth of origin of this people. Like many other peoples of America, in the historical sense, the incas had its history from the reigns, that is, they kept the events from the name of its Divine Emperors. This indigenous group was considered Pagan and need, from the encounter with the colonists, of an "aid" to people who show the true meaning of life, where the path, the light was in the Catholic Church, who knew where to find the "true God", which causes the visions, from then on, if you misrepresent it.

Key words: Arguedas; Cuzco; Imaginary.



* **JACQUELINE DE CASSIA PINHEIRO LIMA** é Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professora e Pesquisadora da Escola de Ciências, Educação, Letras, Artes e Humanidades da UNIGRANRIO.



** **VERA LÚCIA TEIXEIRA KAUSS** é Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora de Literatura Comparada na UNIGRANRIO, graduação e Mestrado.



Cuzco, Peru.

Considerações iniciais

Nesse artigo, o objetivo é apresentar a forma como José María Arguedas, professor, escritor e etnólogo peruano, apresenta ao leitor, através de uma personagem principal adolescente chamada Ernesto, a cidade sagrada de Cuzco, centro político e religioso do império incaico. Arguedas foi incansável na luta pelo respeito, pelo reconhecimento da grandeza da cultura construída pelos incas. Suas cidades e, entre elas, principalmente, Cuzco, possuíam vital importância para uma das maiores civilizações que aqui se desenvolveu. O conhecimento desse passado grandioso, para o escritor, levaria a uma conscientização do povo peruano de sua história rica e de sua identidade construída a partir da imensa capacidade desses ancestrais de que eles deveriam se orgulhar.

A cidade de Cuzco, segundo conta a lenda, nasceu no lugar escolhido pelos filhos do deus Sol, Manco Capac e Mama Oclo, que foram enviados por seu pai para ensinar os princípios da vida em sociedade organizada aos homens que viviam como selvagens. Ela se tornou o lugar onde habitavam os descendentes dos filhos do deus, os imperadores que, como o povo, eram chamados de Inca, com letra maiúscula.

Quando se referem ao povo em questão, inca é grafado com letra minúscula. Até os dias atuais, Cuzco continua sendo considerada pelos descendentes dos incas como a capital do Peru.

Uma cidade que nasceu para ser sagrada, mas que sofre a dessacralização ao ser invadida pelos europeus no século XVI. Com o convívio das culturas aqui encontradas, mesmo tão antagônicas, ambas estão representadas nas várias construções que modelam a cidade: as pedras que, hoje, dão lugar ao templo católico – a Igreja do Senhor de los temblores – foram as mesmas que davam forma ao Coricancha – o templo ao deus Sol dos Incas. Isso se repete em quase todas as construções da cidade histórica: a sobreposição de uma cultura sobre a outra encontra-se representada nos muros e casas que têm em sua base as pedras espetacularmente talhadas pelos incas, mas suas paredes são construídas com a disposição dada pelos espanhóis, considerados os vencedores das batalhas da Conquista.

A conquista do continente americano aconteceu com a chegada dos espanhóis e portugueses a partir de 1492, com Cristóvão Colombo, e 1500, Pedro Álvares Cabral ao que se convencionou chamar Novo Mundo. Os

conquistadores europeus vinham com a intenção de tomar posse do que encontrassem pelo caminho e o fizeram sem levar em conta que as terras encontradas já pertenciam a outros povos. Escritores como Tzvetan Todorov, em *A conquista da América: a questão do outro*, Antonio Cornejo Polar, em *Escribir en el aire*, Bernard Vincent, em *1492 – Descoberta ou invasão?*, Ángel Rama, em *Transculturación narrativa em América Latina*, entre muitos outros pensadores sobre o processo de conquista e colonização da América, definem esse momento da conquista como sendo o dos primeiros contatos entre os povos aqui encontrados. Logo após esse primeiro momento – chamado de conquista – e para efetivar seu domínio sobre os povos “vencidos”, os europeus darão início ao processo de colonização, cuja estrutura se apresenta dividida em dois pólos: o do colonizador, que será sempre hegemônico, “superior”; e o do colonizado, sempre “inferior” e “explorado”.

Foram vários os imperadores que levaram a civilização incaica a ser uma das mais ricas e fortes do continente americano. Como vários outros povos da América, no sentido histórico, os incas contavam sua história a partir dos reinados, ou seja, eles guardavam os acontecimentos a partir do nome de seus divinos imperadores.

Os Mitos de Formação

Em um dos vários mitos de formação contados pelos incas, o primeiro dos imperadores desse povo chamava-se Manco Cápac e era considerado um verdadeiro semideus, uma personagem mitológica que, ao longo do tempo, foi considerado como sendo o fundador do império inca. Manco Cápac e Mama

Ocillo, que eram irmãos, filhos do deus Sol, saíram do lago Titicaca com um bastão de ouro nas mãos à procura de um lugar com terras férteis, onde não faltasse água, para fundar uma cidade para, nela, ensinar os homens a viverem de forma civilizada.

Percorreram toda a região próxima ao lago de onde surgiram e não encontraram o lugar ideal que procuravam. Ao chegarem às terras onde está, hoje, a parte histórica da cidade de Cuzco, o bastão teria saltado das mãos de Manco Cápac e se enterrado no chão. Esse fato indicava que era ali que o casal divino deveria instalar seu *ayllu* (comunidade) e dar início à etnia inca. Essa versão do mito de origem deste povo foi escrita por Gómez Suárez de Figueroa, o mestiço – o conceito de mestiçagem usado nesse texto refere-se ao processo que tem início com a chegada e com a colonização estabelecida pelos europeus a partir de 1492 e que levou à convivência conflituosa com os indígenas que aqui habitavam. Os povos autóctones americanos haviam construído formas sócio-econômicas e religiosas diferentes das trazidas pelos europeus que, como vencedores, acreditavam ter o direito de impor sua visão de mundo aos povos “vencidos”.

Pesquisadores como Ángel Rama, Martin Lienhard, Antonio Cornejo Polar, entre outros, trabalham com o conceito de mestiçagem na formação das sociedades e do homem latino-americano - que a história consagraria como Inca Garcilaso de la Vega: cronista peruano que nasceu da união de Sebastián Garcilaso de la Vega, capitão espanhol e de uma princesa incaica, Isabel Chimpú Ocillo, ou seja, ele representava o tipo idealizado de mestiçagem, pois acontecia entre os segmentos considerados nobres das

duas culturas – europeia e indígena - consideradas primeiras na formação do que, hoje, se conhece como povo peruano. São várias as leituras que falam do Inca Garcilaso de la Vega, mas em relação à defesa da mestiçagem a obra que deve ser citada é *Escribir en el aire*, de Cornejo Polar, no subcapítulo intitulado “Garcilaso: La armonía desgarrada”, 1994, páginas 93-107.

Entretanto, este é apenas mais um dos mitos fundacionais do povo inca. Entre os mais famosos, encontramos o que conta a lenda dos irmãos Ayar- quatro homens e quatro mulheres: também eram casais de irmãos que estavam em busca de seu lugar na terra. Durante a caminhada, eles foram se transformando em pedra: para os incas, esse fato tinha o significado simbólico de perpetuidade e, ao mesmo tempo, de sacralização. Um fato importante é a fusão dos dois mitos: os irmãos mais velhos foram transformados em pedra, mas Ayar Manco Cápac e sua irmã e esposa, Mama Ocllo, continuaram caminhando até chegar a Cuzco.

Essa foi a forma encontrada pelos incas para explicar a existência de duas dinastias que se formaram na fundação de Cuzco e que continuaram competindo pelo poder até a queda do Tawantinsuyo (Império inca) com a dominação imposta pelos espanhóis. É também uma explicação para a divisão da cidade em duas metades: Hanan Cuzco ou parte alta e Hurin Cuzco ou parte baixa.

Essa divisão, no mito contado pelo Inca Garcilaso, foi implantada por Manco Cápac e marcava uma divisão social: na parte de cima, no Hanan Cuzco, habitavam os mais poderosos, aqueles que seguiam o rei ou o lado masculino; na parte mais baixa, Hurin Cuzco, viviam os que seguiam a rainha ou o lado feminino e eram menos poderosos.

Na realidade, na parte de cima, vivia a “Coya” ou esposa principal, a irmã do Inca e, por isso, era de lá que saíam os herdeiros considerados legítimos, como era o caso de Huáscar, na época da invasão espanhola, em 1532; a parte de baixo era o lugar em que viviam as chamadas esposas secundárias, que também eram muito poderosas e lutavam para impor seus filhos como herdeiros: era o caso de Atawalpa, no mesmo período da chegada dos europeus. Essas questões, no entanto, são bastante polêmicas e controvertidas, pois trazem elementos míticos e simbólicos do imaginário incaico e uma interpretação dos cronistas em que observamos uma fusão desses elementos com a história oficial. Nos relatos dos cronistas espanhóis, encontramos diversas formas de se contar a lenda de fundação tanto da dinastia como do império incaico, mas todas acabam fazendo a fusão do imaginário com o concreto.

O Inca Cusi Yupanqui ou Pachakutec, como ficou conhecido, é considerado o verdadeiro criador e reformador de Cuzco. Também é considerado como o marco de transição da fase legendária para a histórica do maior império territorial da América pré-colombiana. Além da reconstrução total da cidade de Cuzco – que havia ficado bastante destruída em uma invasão de um povo inimigo vencido por Pachakutec – uma das obras mais importantes atribuídas a esse soberano é a reforma do Coricancha, o templo do deus Sol. Nele, o recinto onde ficava a estátua que representava o deus Sol – chamado de Inticancha – foi totalmente remodelado: suas paredes foram cobertas com placas de ouro e muitas outras riquezas foram usadas para embelezá-lo.

É essa cidade, ao mesmo tempo composta por elementos míticos e

concretos, que encontramos no primeiro capítulo do romance *Os rios profundos* de Arguedas. O escritor nos faz passear por lugares históricos de Cuzco, mas nos mostrando exatamente como eles continuavam entranhados do elemento mítico, mesmo que, com a colonização, tivesse acontecido uma dessacralização da cidade. Ele procura mostrar que para muitos, para aqueles que ainda guardavam no coração os mitos sagrados de fundação do incanato, isto é, a fundação do Império dos incas, a cidade continuava mostrando sua alma, seu lado sagrado. José María Arguedas lutou toda sua vida pela valorização, pelo conhecimento respeitoso da cosmogonia incaica e procurava em todos os momentos e em variadas situações desenvolver a consciência da importância de se valorizar as raízes ancestrais que foram base para a construção da sociedade peruana.

Os Rios Profundos de Arguedas

José María Arguedas foi um etnólogo e escritor peruano, nascido em Andahuaylas no ano de 1911 e morto em Lima, em 1969. Renovou a literatura indigenista e foi considerado um dos maiores narradores peruanos do século XX. Além de autores como Ángel Rama, Antonio Cornejo Polar, Leopoldo Zea, Ana Pizarro, Carlos Pacheco, a pesquisa que dá embasamento teórico a esse artigo foi feita nos próprios textos escritos por Arguedas enquanto etnólogo.

O título do segundo romance de José María Arguedas, *Os rios profundos* (1958), apresenta-se impregnado de uma rica carga conotativa derivada de um fato real: baseia-se em uma das diferenças geográficas das duas regiões em que se pode considerar dividido o Peru, a *costa* e a *sierra*, na qual se

observa, ainda, a subdivisão em interior e floresta. Na *costa*, os rios possuem leitos superficiais, não são caudalosos e, na maioria dos casos, costumam secar durante vários meses ao ano. Na região da *sierra*, acontece exatamente o contrário: lá, os rios correm por leitos profundos, são caudalosos e perenes. São os rios da região serrana que garantem o abastecimento das outras duas regiões naturais do Peru: *costa* e floresta.

Partindo desse pensamento, Arguedas faz uma reflexão, que procura estender a seus leitores, sobre a solidez das raízes ancestrais da cultura andina, que são matrizes da identidade nacional peruana, comparando-as com os valores impostos pela cultura ocidental, pela violência da dominação, pela atitude de dependência frente às metrópoles estrangeiras, pelo desprezo e pela marginalização das raízes autóctones. Fazendo uma analogia, o escritor mostra que as construções sociais e culturais realmente sólidas e autênticas devem nutrir-se – como os rios da região da *costa* que tem origem na *sierra* – de elementos andinos, indígenas, pois é o caminho para “un mestizaje fecundo y sintetizador del Perú de ‘todas las sangres’”. (ARGUEDAS: 1995, p.76) A falta de conhecimento dessa base da cultura andina transformará o que se fizer em uma simples imitação das construções sociais e culturais das metrópoles a que o país segue submetido.

A mescla das duas culturas, como solução para o impasse criado com a chegada do europeu, encontra-se magnificamente exemplificado nos edifícios de Cuzco que se apresentam como símbolos perfeitos dessa mestiçagem: suas bases continuam sendo os muros de pedras perfeitamente cortadas e encaixadas sem o uso de

nenhuma argamassa feitos pelos incas, enquanto a parte superior apresenta as construções feitas pelos europeus, no primeiro momento, e pelos mestiços depois. Os últimos, filhos da mistura das culturas ali encontradas, criativamente, assimilavam as lições da arte europeia ao mesmo tempo em que se colocavam abertos para receber as sugestões da arte andina.

A personagem principal do romance arguediano, um adolescente chamado Ernesto, ao entrar em Cuzco pela primeira vez com seu pai, espera encontrar um lugar sagrado, uma espécie de paraíso. Na realidade, a cidade imperial apresenta-se ao adolescente – e aos leitores também – como profanado por causa da enorme presença da classe dominante, os chamados *mistis* – ricos e poderosos latifundiários – muitos deles descendentes dos incas – que exploram os indígenas.

Para Ernesto, personagem principal do romance arguediano, a cidade, considerada o centro do mundo pelo povo vencido, apresenta-se como um teatro de contrastes tão intensos que se aproximam de alucinações: tudo é captado pela percepção do menino em uma visão subjetiva das tensões que se encontram – e se desencontram – na sociedade e história andinas.

Durante o tempo que passa em Cuzco, o adolescente protagonista conhece alguns lugares simbólicos que marcarão profundamente seu futuro, sua maneira de ver e de ser no mundo. Os fatos relatados na história são vividos pelo protagonista Ernesto, um rapaz de quatorze anos que apresenta uma capacidade acentuada para a recordação e uma postura quase que obsessiva para evocar, relembrar, fixar na memória os momentos, os acontecimentos, enfim, tudo a seu redor.

A estrutura geral do romance é construída a partir da memória de Ernesto narrador que, adulto, mergulha na recordação e, através dela, traz para o presente acontecimentos, pessoas e objetos do passado. Nas vivências de Ernesto, encontramos muitas passagens semelhantes às vividas pelo próprio Arguedas adolescente¹.

Nesse texto, Arguedas lança mão de três narradores diferentes que, no fundo, se originam de um: o narrador principal, que é um homem adulto evocando a infância; o narrador protagonista, que vivencia os fatos como personagem principal e testemunha privilegiada, mas sem exercer nenhum domínio ou ter qualquer previsão do que vai acontecer devido à imprevisibilidade do futuro para qualquer ser humano; e um terceiro narrador, que Ángel Rama chama “Etnólogo” (RAMA: 1982, p. 272-273) por serem suas intervenções bastante independentes da ação e conterem informações necessárias ao entendimento do leitor, por exemplo, no

¹ José María Arguedas nasceu do casamento de um advogado, o Sr. Víctor Manuel Arguedas Arellano, nascido em Cuzco e que, por causa do cargo que ocupa percorre alguns povoados dos Andes peruanos. Como Ernesto, personagem de *Los ríos profundos*, o jovem José María Arguedas também faz esse percurso com o pai, que precisa viajar muito por causa do trabalho e, com isso, conhece muitos lugares onde observa a pobreza extrema do povo e a riqueza e os desmandos dos grandes latifundiários. Ambos perdem suas mães muito cedo e vivenciam um profundo sentimento de abandono por causa das constantes viagens do pai. A emoção ao conhecer Cuzco e a idade em que isso acontece também é igual tanto para Arguedas como para Ernesto. Ambos passaram pela experiência de viver em um internato. Também o tio rico, dono de terras e repulsivo por suas atitudes que acolhe Ernesto ao final do romance em questão existe na vida de José María Arguedas: ele viveu com um parente de seu pai que era dono de fazendas em Apurímac. São muitos os pontos de contato entre a vida do escritor e seu personagem, Ernesto.

significado das palavras em quíchua. O narrador adulto busca recordar o passado no ato de escrever e com ele procura garantir sua própria identidade e a coerência do projeto narrativo. Assim, é a memória a base para a experiência e a chave do conhecimento, pois é através de seu exercício que o jovem personagem sustenta e constrói sua identidade e que o narrador maduro consegue alcançar e concretizar sua prática discursiva.

Ernesto vai a Cuzco com o pai, um advogado errante, e em nenhum momento este esclarece o motivo da ida à cidade. Este não esclarecimento do motivo transforma essa viagem em uma espécie de peregrinação a um lugar, ao mesmo tempo, sagrado e dessacralizado. Lá, mora um parente muito rico e poderoso e, ao mesmo tempo, malévolo e avaro conhecido como *Viejo*. Esse tio de Ernesto pelo lado materno tinha origem inca, provavelmente no segmento nobre do império, mas havia enriquecido e, para ser aceito, mostrava-se totalmente convertido ao catolicismo. Além disso, tratava com crueldade os indígenas que eram seus escravos, humilhava-os e dispensava-lhes pior tratamento que aos animais. Este personagem, *el Viejo*, possui um *status* de certa forma legendário: ele representa a encarnação de uma ordem ilegítima, imposta com a chegada do dominador espanhol e sua presença na cidade imperial parece usurpar o lugar que só deveria ser ocupado pelo Inca, o único que deveria deter o poder legitimamente.

Ao chegar a casa onde mora o tio, no centro do segundo pátio, Ernesto percebe que cresceu uma árvore de cedro, mas, significativamente, em uma terra seca e endurecida. Ela apresentava seu tronco descascado até a altura em que começavam os ramos, mas tinha

algumas flores no alto. Também na praça em que fica a catedral, as árvores são pequenas, parece que não conseguem desenvolver-se. São duas as possibilidades de explicação para o protagonista: a avareza dos poderosos latifundiários de Cuzco havia envenenado a terra da cidade ou a grandeza da catedral impediria o crescimento das árvores e, neste caso, poderíamos fazer a leitura de que isso significaria a opressão de uma religião estrangeira, importada sobre a natural do mundo indígena.

Com o pai, Ernesto percorre a cidade e vive uma experiência única ao defrontar-se com o que ainda restava do incanato. Ao dirigir-se para a casa do tio, o rapaz vê um muro que cercava a morada do Inca Roca, o sexto na lista dos imperadores do povo inca. Esse muro é considerado o mais surpreendente de Cuzco: compõe-se de pedras grandes, irregulares e de diversas formas – algumas com até doze ângulos – que estão perfeitamente encaixadas sem uso de argamassa. Assim que se viu só, Ernesto correu até a esquina onde ficava o muro. Era uma rua que começava larga e continuava em outra mais estreita que terminava em uma ladeira. Ele caminhou pela rua acompanhando o muro, tocou-o com suas mãos, seguiu o que lhe pareceu uma linha ondulante e imprevisível lembrando-lhe dos rios da *sierra*: para ele, o muro estava vivo, podia caminhar...

Lembrou-se, também, das canções quíchuas (língua dos incas) e de uma frase em especial: a partir do que se repetia nestes cantos, o menino viu as pedras do muro como *Puk'tik yawar rumi*, que significa “pedra de sangue fervendo”. O rapazinho, como se estivesse em uma espécie de êxtase, diz ao pai que o muro está vivo e que não

entende por que ele permite que pessoas como o *Viejo* vivam na cidade sagrada. O pai lhe diz que os incas estão mortos e tenta levá-lo para outro lugar, mas, antes de ir, Ernesto responde: “Pero no este muro. (...) Este muro puede caminar; podría elevarse a los cielos o avanzar hacia el fin del mundo y volver”. (ARGUEDAS: 1995, p.147)

Logo depois, o rapaz segue com seu pai até Praça de Armas, onde estavam a catedral e a igreja da Companhia de Jesus. Elas foram construídas na praça de celebrações dos incas; a catedral ocupava o lugar do Coricancha, ou templo do deus Sol, onde os espanhóis encontraram paredes recobertas por placas de ouro – elemento que simbolizava, para os incas, a presença do deus. Ernesto pergunta ao pai quem construiu a catedral e ele lhe responde que havia sido o espanhol, mas com a pedra dos incas e as mãos dos indígenas (ARGUEDAS: 1995, p. 149). A praça, segundo explicação dada pelo pai ao rapaz, não era espanhola: fora construída pelo Inca Pachakutec, que era chamado de “renovador da terra” e considerado o grande organizador do Tahuantinsuyo (nome do império incaico) em sua fase de expansão imperial. Sua forma era diferente das praças de outras cidades: retangular, tinha sua superfície coberta pela areia trazida das praias da costa. Nela aconteciam todas as celebrações do Império presididas pelo Inca.

Ao dominarem Cuzco, os espanhóis construíram a catedral no mesmo lugar em que estava o templo do deus Sol e um convento para freiras da ordem de Santa Catarina, que viviam enclausuradas, foi levantado onde ficava o templo das *Acllas*, que eram virgens escolhidas para sacerdotisas do deus sol e para os serviços que fossem necessários ao bem estar do Inca. Ao

erguerem seus prédios sobre as bases dos construídos pelos incas, tornavam-nos dessacralizados. Segundo o próprio Arguedas (1995, p. 153), a cidade de Cuzco possuía muitos palácios, templos, ruas largas e estreitas que terminavam em praças.

Enquanto caminhavam pelas ruas para que Ernesto conhecesse um pouco de Cuzco, pai e filho pararam ao ouvir o maior sino da Catedral chamado de Maria Angola. Esse sino foi instalado na torre no ano de 1659 e desde então o povo o cerca de lendas: seu canto mágico transforma tudo em ouro... No texto, o badalar do sino parece ter o poder de tornar, por alguns momentos, novamente sagrada a cidade de Cuzco. Isso, porque, segundo o pai de Ernesto, o ouro doado por María Angola poderia ser proveniente do que fora retirado do templo do deus Sol, dos ídolos e palácios incaicos e isto era necessário para que o badalar do sino se elevasse até o céu e voltasse à terra trazendo o canto dos anjos. O sino principal da catedral de Cuzco parece resumir em si mesmo o fato de ser a voz dos anjos do Deus cristão, mas que vibra com ouro pagão. Esta mestiçagem religiosa simboliza, segundo estudos do escritor, como, por exemplo, alguns artigos publicados na *Revista Anthropos*, Suplementos (BELLINI, 1992; ROVIRA, 1992), 31-Antologías temáticas – “José María Arguedas: Una recuperación indigenista del mundo peruano”, marzo 1992. Alguns artigos são: “Prólogo a Canto *kechwa*”, páginas 23-29; “La fiesta de La Cruz”, páginas 65-67; “El layk’a (brujo), páginas 71-72; “El valor poético y documental de los himnos religiosos quéchuas”, páginas 73-74; “De lãs comunidades de España y El Peru: algunas conclusiones, páginas 75-83; entre vários outros estudos do escritor, a persistência da religiosidade indígena, mesmo que sob

as formas do cristianismo, do catolicismo imposto pelos europeus.

Pela manhã, pai e filho acompanham o *Viejo* até a catedral para assistirem uma missa. Ao entrarem, Ernesto é levado até um altar onde se encontrava a imagem do Cristo crucificado conhecido como Señor de los Temblores. Na realidade, a imagem, benzida pelo Papa, foi oferecida à cidade por Carlos V em meados do século XVI, era do Senhor dos Milagres. Na época da chegada dos espanhóis ao Peru, em Cuzco, aconteceu um terremoto muito violento e, por isso, Carlos V enviou a imagem para a cidade. Desde a chegada da imagem, não mais aconteceu nenhum terremoto e a fé popular atribuiu o que chamou de milagre ao Cristo a quem deram o nome de “Senhor dos Tremores”. Olhando para a imagem, Ernesto percebe que o Crucificado estava enegrecido atrás de um grande número de velas acesas ao seu redor; sentiu também que o silêncio daquele lugar não trazia paz, ao contrário fazia sofrer a quem o olhasse. Arguedas nos leva a refletir que o alarido, os gritos que o povo solta na procissão da Páscoa, quando a imagem é levada pelas ruas de Cuzco, ao voltar para dentro da catedral, continua semelhante ao que acontecia quando o povo contemplava o Inca em determinadas festividades no tempo do império no mesmo lugar.

Quando estão saindo da cidade, avistam a fortaleza de Sacsayhuaman conhecida como uma das obras mais soberbas dos incas para mostrar seu poder e sua majestade (ARGUEDAS:1995, p.170). Sua construção fora planejada por Pachakutec, iniciada por Inca Túpac Yupanqui e concluída por Huayna Cápac, segundo anotações de estudiosos, como o próprio Arguedas.

Como todas as construções incaicas de Cuzco, a fortaleza também era rodeada de lendas. Ernesto notou umas aves negras, menores que o condor, voando sobre Sacsayhuaman e perguntou ao pai sobre elas. Ele lhe respondeu que sempre estariam ali, que “sacsay huaman” quer dizer “águia repleta” e que elas não necessitavam comer porque eram as águias da fortaleza que voavam sobre ela, que não morriam e que chegariam – como a fortaleza e o muro do Inca Roca – ao juízo final. Mesmo com os espanhóis usando as pedras dessa fortaleza para construir suas casas, não conseguiram destruí-la: até hoje ela continua sendo o local de realização das festividades que tem sua origem ainda no império dos incas.

Concluindo

Como seu personagem Ernesto, José María Arguedas recria, em seus textos, algumas vivências em que vemos sua forma de pensar que se constrói entre as “verdades” do catolicismo colonizador e o animismo indígena. O escritor que nasce deste cruzamento decide que quer ser intérprete do mundo andino, mas partindo da perspectiva deste mesmo mundo, ou seja, tomando como referência a maneira de ver o mundo do homem andino, do mundo mítico e simbólico dos incas. Para Ernesto, entrar em Cuzco, conhecer a cidade sagrada dos incas era como chegar a uma espécie de Jerusalém mítica, um paraíso que poria fim aos sofrimentos, à miséria como sempre dizia seu pai.

Na realidade, Cuzco era uma capital política, mas também uma metrópole religiosa, porque o poder que sediava tinha origem sagrada: os Incas eram descendentes dos filhos do deus Sol, Manco Cápac e Mama Ocllo. Era em Cuzco que os deuses se manifestavam

aos homens através do imperador, que era seu filho eleito e através de quem o deus se fazia visível. Cuzco não era apenas a capital econômica do império inca, ela era também uma cidade sagrada e sua sacralidade contagiava a todos que nela habitavam ou que por ela passassem. A forma da cidade original apresentava a forma de um puma: a fortaleza de Sacsay huaman seria a cabeça, a confluência dos dois rios que cortam a cidade seria a cauda e o coração seria o Coricancha.

Com a chegada dos espanhóis, a capital passou a ser Lima. A entrada do século XVI encontrava-se no momento em que a religiosidade ganhava espaço, e os ideais da Santa Inquisição eram latentes, sendo a Igreja a única detentora da “verdade”. Sendo assim, o que fosse contrário a ela era considerado desrespeito e heresia. A Igreja, portanto, efetivava seu ideal de dominação através da conversão. A idolatria indígena era, então, entendida como prática diabólica, como uma extensão das bruxarias e feitiçarias europeias.

Mas, mesmo com a mudança, os indígenas que falavam o quíchua continuaram a entender Cuzco como sua capital, como lugar sagrado de sua formação enquanto um povo.

Referências

ARGUEDAS, José María. **Los rios profundos**. Ed. de Ricardo González Vigil. Madrid: Cátedra, 1995.

BELLINI, Giuseppe. Función del símbolo en *Los rios profundos* de J.M Arguedas. In: **ANTHROPOS Revista de Documentación Científica de la Cultura**. Suplemento Anthropos nº 31 – marzo de 1992 – Antologías temáticas, pp. 53-56.

CORNEJO POLAR, Antonio. **Escribir en el aire: ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas**. Lima-Peru: Editorial Horizonte, 1994.

PIZARRO, Ana, org. **América Latina - Palabra, Literatura y Cultura**. Vol. I, II e III. São Paulo, Memorial da América Latina, Campinas - UNICAMP, 1995.

RAMA, Angel. **Transculturación narrativa em América Latina**. México, Siglo XXI, 1982.

ROVIRA, José Carlos. Sobre el Perú, el indigenismo y la novela. In: **ANTHROPOS Revista de Documentación Científica de la Cultura**. Suplemento Anthropos nº 31 – marzo de 1992 – Antologías temáticas, pp. 15-20.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Trad, Beatriz Perrone Moisés. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VINCENT, Bernard. **1492 - Descoberta ou invasão?** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

ZEA, Leopoldo. **Fin del siglo XX? Centuria perdida?** Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1996.

Recebido em 2014-02-20
Publicado em 2014-05-11